

FRAGMENTOS DAS CANÇÕES DE FILHOS PARA PAIS E DE PAIS PARA FILHOS

Ana Carolina Guimarães Seffrin

NOTA DA AUTORA

Nenhum personagem dessa estória tem nome – senão referência mitológica à Ariadne e ela é a única que possui designação exposta nessas linhas. Há também uma tentativa de denominar um dos personagens de “Fantasma fulano de tal” ou “Doutor fulano de tal”, mas são tão somente subterfúgios, que nada tem a ver com o fio do que é desvendado, que são as complexas relações familiares – e o quanto elas ficam, paulatinamente, mais intrincadas e difíceis –, experiências essas dadas tanto em cidades provincianas como capitais. Ou em qualquer parte de mundo. Trata-se da comunicação – ou seu inverso, a incomunicabilidade – entre uma família, a convivência a afetar uma família inteira, composta de três pessoas: pai, mãe e filho. Há também um narrador oculto, que, por vezes, se pronuncia; por fim, há coadjuvantes, essenciais para o enredo desenvolver-se e estão postos nas linhas simplesmente porque são necessários e imperiosos nos seus cargos. As questões desse triângulo se colocam cada vez mais complexas e, em alguns períodos, diretas, como um fio de agulha a encravar no próprio dedo. A família é uma ponte, funciona como uma ponte, e, a qualquer momento, pode desabar. Nenhum personagem tem nome, nesse conto, porque esse conto – ou contos, fragmentos, de cada um deles –, ou talvez parte dessa narração, poderia acontecer dentro de qualquer lar, dentro de qualquer família, dentro de qualquer um. Há, nos segundos posteriores, um quarto personagem vital, quase observador da tríade, que, entre conversas ligeiras e investidas de palavras com a mãe, observa e tenta analisar a situação em seu aspecto global, a muito custo, mas ele também não tem nome, tem outras coisas como segredos e aflições e de qualquer uma dessas palavras seus pacientes não tem conhecimento algum que seja, segundo a ética que existe no mundo da medicina. A quinta personagem – mais coadjuvante, talvez, é sua secretária. Mas essa é apenas a zona de existência de nosso quarto personagem, um médico intranquilo com as escadas que anda subindo e descendo. A estória funciona como uma fábula,

imaginária ou não imaginária, essas parábolas destinadas a falar da vida entre homens e mulheres. Alguns podem observar ilusões, realidades e fatos verídicos e próximos demais para com suas vidas. Depende de leitor para leitor. De autora, espero que desfrute. De escritora, espero que compreenda. De humana, como Nietzsche diria, de demasiadamente humana, espero que você entre no jogo de um tabuleiro, que você viva essas palavras ludicamente, como se estivesse a jogar, como numa partida de xadrez, momento em que a palavra **chegue-mate** acompanha a existência humana.

Nenhuma dessas palavras há de representar a realidade passada, senão aquela que está sempre presente. A realidade que bem conhecemos arraigada no cérebro ou nessa caixa cinzenta que todos nós carregamos, realidades complexas que se tornam passo a passo mais intrincadas, os completos e complexos fatos. Nada há de novo aqui senão o que sempre seremos.

Aquilo era uma calamidade para Leonora, porque, uma vez começada, a conversa não tinha fim. Ela tentou parar, mas não era possível. (Ford, Madox Ford. O bom soldado. Uma história de paixão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 182).

FILHO

Tu sabes perfeitamente que sempre desejei ser outro que não esse velho ventríloquo das vontades alheias. Deveria saber, também, que cresci ao teu redor como um filho honesto e obediente e, talvez ou de modo muito provável, esses momentos tenham sido raros, porém oportunos nas suas significâncias; tenho quase a certeza de que você preferiria ler, logo na primeira linha, “pai, eu, teu filho, te amo”, justo para não começar-lhe a leitura como se estivesse a ler um muro de lamentações e assim ficaria insatisfeito porque esperava ler essas palavras conjugadas e elas não estão naquele lugar do início, escritas, redigidas, com meu punho. Estão no decorrer do caminho e nada – nada – além disso. Agora tu as lê, ainda que de relance ou sem dar a atenção necessária e ri consigo mesmo das minhas capacidades premonitórias. A verdade é a de que não possuo muitas aptidões ancoradas ao meu peito; a verdade é de que sinto que, na sua visão racionalista e positivista,

eu nunca possuí no meu íntimo disposições de um príncipe ou filho modelo, sempre fui “algo” normal e pré-estabelecido, algo que cumpre com suas funções na engrenagem subsidiária filial, algo que cumpre e simplesmente cumpre porque têm em pleno funcionamento suas próprias capacidades cognitivas; tu sabes que nunca pude ser um gênio ou um matemático e percebeu tal desde os meus primeiros passos. Imagino que tenha compreendido quando me assistira, pela primeira vez, aqueles pequenos “fracassos” dos primeiros passos que tentamos dar. Cada vez que nos sentávamos para jantar com a mãe à mesa, você me perguntava se a professora havia escrito “excelente”, “ótimo” ou um mínimo “bom” e as minhas respostas, de modo consecutivo e atemporal – foram muitas as perguntas e mesmas as respostas – emitiam os sons de que minhas provas e consequentes notas, pelas minhas mãos feitas e meu cérebro articulado em sinapses e demais movimentações de neurônios, eram sempre “regulares”. Sempre fui um aluno regular. Talvez isso tenha te decepcionado. Se um dia te perguntastes se eu viraria um médico ou um advogado, a resposta logo te viria à cabeça, porque, naqueles tempos, pessoas regulares como eu, no máximo, se tornavam estudantes de letras, artes, filosofia ou qualquer outra ciência humana que estivesse na moda para filhos de pessoas libertárias demais. O nosso problema era o de que você, pai, não se encaixava nessa denominação de “libertário”. Tinha suas regras restritas e gostava que elas fossem devidamente obedecidas. Além de nossa cidade ser provinciana, tinha desejos ou aspirações de tornar esse lugarejo, mesmo provinciano, numa capital em que tu poderias comandar ou ter poder e todo o prestígio necessários; talvez você gostasse da própria fama e, por isso – provavelmente – eu tenha escapado ileso de tantas brigas com os briguentos, na escola, pois, afinal, quem ousaria encher de socos o filho daquele cara? Você tinha uma aspiração guardada dentro de si: aproximar a cidade grande e a província, tornar sua cidade em algo importante, coisa que nem em um sonho mais próximo se realizaria no mundo daqueles que não sonham, são realistas e dão-se conta do que é legítimo e palpável. Os filhos de seus clientes do escritório tinham brilhantes carreiras profissionais. Deveria ter dez anos e você lançou a pergunta sobre meu desempenho e esse fora respondido pela minha pessoa

como “pai, foi regular, dessa vez”, lembro-me de você a balbuciar poucas palavras, sempre com os olhos no prato e não no meu próprio globo ocular, como se estivesse a fugir de mim ou de quem sou, falou sobre o filho de Enrik, seu cliente alemão, que teve um filho no Brasil que estudava na mesma escola que eu, ele era Thomas, meu colega de turma – e você sabia perfeitamente desse detalhe – e eu o conhecia o garoto porque por vezes jogávamos futebol no mesmo time; então você falou sobre o Enrik dizendo constantemente que Tom vivia falando da qualidade do educandário, a qualidade da educação, da catequização, do ensino religioso de instrução para a vida, o “ensino” cujas ramificações eram aparentemente maravilhosas – agora, observando a situação em seu todo, me pergunto que tipo de criança realmente fala bem da escola e às vezes tenho minhas dúvidas sobre essa conversa –, e Thomas sempre tirava notas excelentes e para além da excelência nas atividades extra-acadêmicas, como seria o caso dos esportes, e o Tom já aspirava à medicina; você, pai, balbuciou essas palavras, olhando no prato, sem sequer ser capaz de olhar-me pessoalmente, olho no olho, como a me dizer através do silêncio o que realmente pensava, você falou e calou-se e dali se prolongou o silêncio até que, ao fim da janta, eu me retirei para o quarto. Poderia te dizer, caso desejasse sentimentalismos baratos, corriqueiros e ordinários, que fui para meu quarto com minha dor, a dor que tragava e se prendia na garganta, mas, sem nenhum tipo de sentimentalismos ou lirismos arcaicos desnecessários, me sentia decepcionado, ou, melhor dizendo, tristemente decepcionado por já perceber nessa idade que não era aquilo que você desejava que eu fosse. Tom sempre seria, naquele colégio, melhor do que eu; nos esportes, nas músicas, nas matemáticas e químicas; enquanto eu beirava ao abismo, o filho do seu cliente estava no ápice, era melhor do que “eu” e precisávamos engolir as fatalidades em seco. Era assim que você via as coisas. É assim que imagino que você as visse.

PAI

Com o passar dos anos me esqueci do teu rosto, das tuas feições, esqueci por completo do formato das tuas mãos. O passar do tempo faz-me

crer que perdi a memória a respeito de meu próprio filho, embora a memória da esposa se conservasse plena – seria culpa do amor que se conquista tão arduamente diante de um ser tão difícil, seria algo sobrenatural que se mantém no meu corpo, seria perfeitamente capaz de lembrar-me dela porque há algo de estranho acontecendo comigo? Comecei a perguntar-me como era o teu semblante, tua cara, sombra, comecei a me perguntar ao lado da cadeira de tua mãe e, segurando a mão dela – creio que fazíamos muito disso, dar-nos as mãos, era o que nos mantinha, além da aliança, esse cilindro a cumprir o papel e o dever cívico e moral de nos manter casados, mesmo que, no fundo, não o desejemos, embora eu mesmo, agora, nesse segundo, pense que seria incapaz de casar-me com outra ou manter-me tanto tempo ao lado de alguém se realmente não gostasse dessa pessoa, se não a amasse como dizem os vocábulos populares –, perguntei-lhe, eu, seu pai, como tu eras. Ela disse que provavelmente – ou muito possivelmente, não recordo bem a palavra exata – a única coisa que eu – justamente eu –, o pai, amasse, de verdade, em vida, fosse você, meu filho, o que deveria significar uma mentira escabrosa porque ainda que tivesse meus defeitos sentidos e consentidos, também a amava e nunca negaria ou faria prova em contrário. Respondeu, ademais, sem hesitar, que você era gentil e bondoso, o tipo de pessoa que vivia a vida como se não quisesse importunar a nada ou ninguém. “A herança genética. Algum de nós dois ensinou isso a ele desde o nascimento.” Foram essas as palavras dela. Uma sensação maligna de que estou a perder as lembranças mais vitais – e vitais, essenciais e fundamentais, a teu respeito –, sensação essa que está matando-me mais do que a própria doença. Não me lembro de ti, meu filho, como tu realmente eras. Vivo no casulo de um pesadelo sem limites; talvez se trate, de fato, de um pesadelo, os maus sonhos e estou a fingir que não faço parte deles, que não estou sonhando acordado, mas meu mundo onírico tende a ser bastante perspicaz.

Tua mãe tem o costume de passar a mão pela minha cabeça ou pelos poucos fios que ainda me restam. Tua mãe tem muitas capacidades, dessas que conquistam a qualquer homem. Agora entendo porque ela é como uma espécie difícil de ser conquistada. O tempo passa rápido. O tempo passou tão

rápido que não fui capaz de perceber o quanto ela envelhecera – ela que tinha a capacidade de fazer-me perceber magicamente tudo e todas as coisas. Ela envelheceu de uma maneira fantasmagórica e sinto-me mal por não haver percebido esse processo com antecedência; é minha memória pregando peças contra mim mesmo; esqueço-me com facilidade. Não são apenas dos sorrisos; são dos abraços; esqueço-me de abraços, de sorrisos, das lágrimas que me caíram e das lágrimas que produzi em outros, me esqueço dos meus anseios, das minhas ânsias, me esqueço das vontades que tinha de desaparecer da face da terra para virar um Fantasma. Sim, eu quero que essa palavra tenha uma letra “F” maiúscula porque queria que Fantasma da Silva fosse minha verdadeira identidade, escrita na minha carteira de identidade, no passaporte, na vida real, baseada em fatos reais. Em algum ponto comecei a me tornar dramático. Peço-vos minhas humildes desculpas. Peço desculpas. Desculpas. Em qualquer modo de pronunciar essas concepções frasais, o significado se mantém o mesmo para o destinatário; peço desculpas por ter sido aquilo que tinha que ter sido e, no calcanhar do fracasso, não pude o ser.

Há alguns anos, quando você já era grande o suficiente como projeto em nossas vidas e não como fato autêntico – pensava em ter um filho e se tratara de um projeto, sem dúvidas –, fui diagnosticado com uma doença que afeta uma em cada cem pessoas e entre todos os sintomas progressivos irreversíveis dessa mesma moléstia tinha-se um em especial que recairia sobre a perda da memória. Quando descobri, ouvindo a sentença final, as palavras do médico, palavras advindas diretamente das cordas vocais que diziam – talvez de propósito? – lenta e progressivamente que eu iria ficar (im)memoriado, pensei que meu ditado de destruição fora dado, que eu estava sendo baleado ou executado ou morto a olho nu e cru e minha mulher, sentada na cadeira ao meu lado naquele consultório úmido e de breve olor à naftalina, minha esposa estava assistindo ao espetáculo do inferno dantesco. O médico, em seguida, falou do tratamento, do tipo de alimentação e hábitos recomendáveis diante daquela doença que não foi encomendada por mim e veio de graça sem sequer pedir permissão, o médico falara-me tudo e, a partir daquelas palavras, letra por letra, conjugação por conjugação, você começou a

se perguntar o nome do seu próprio filho, naquele momento, qual era o nome do filho e a, a partir dessa etapa, começou a recordar que não sabia o nome do filho que sabia possuir. Eu comecei a me perguntar qual era teu nome, meu filho. E tua mãe ao resto da vida resumiu em me dizer que te amei e eu sei disso, tenho de ter certeza de todos esses fatos, embora nada saiba em alguns momentos.

Não foi somente “isso”. Você era um projeto em nossas vidas e, naquela época, já se sabia que, caso tivéssemos um filho, a probabilidade da criança ter a mesma doença do pai era grande, maior que cinquenta por cento e sei que tua mãe pensou duas, três e quatro mil vezes; deveria ou não te conceber? – imagino que ela tenha pensado exaustivamente, que tipo de mulher em sua consciência não pensaria? Foi quando fiz uma decisão: fiz-lhe um pedido numa noite qualquer; “tenhamos... – trará de algum modo alegria a nós mesmos” – e, a partir daquelas minhas palavras, tua mãe decidiu que estava na hora de te conceber e, como resultado, você foi concebido nove meses depois. Exatamente nove meses depois, nem um dia a mais, nem a menos. Nasceu numa tarde de primavera, haviam folhas caídas ao solo, pedaços de pétalas amareladas, havia um vento fresco que me fazia, em alguns momentos, tremelicar de frio, e, quando te vi, pela primeira vez, na maternidade hospitalar, tentei me lembrar para sempre desse momento. Nunca fracassei na tentativa de recordação. Lembrarei-me todo dia do dia que você veio ao mundo pela primeira vez: lembro-me das pétalas amareladas e algumas flores roxas, atiradas nas calçadas e nas ruas, o fim de uma tarde e o começo de sua nascença, o dia em que tu deixavas de fazer parte apenas do corpo de tua mãe e agora seria compartilhado por nós dois, pai e mãe.

MÃE

– Com ele – ou eles? – as coisas foram difíceis. Se, por acaso, algum dia, antecipadamente, imaginasse tudo o que viria acontecer, possivelmente não teria casado. Mas agi de modo contrário: casei. Se você me pergunta se voltaria no tempo para fazer o mesmo, eu te diria que sim, Doutor, que voltaria no tempo para aceitar o casamento com ele.

Silêncio. Uma mulher deitada em um divã escuro, de frente a um médico sentado em uma cadeira envelhecida de madeira.

– Casar, nas mentalidades de nossos pais, toda essa geração, esse verbo tinha de existir, porque esse verbo tinha de ser executado, mas por que nossos pais esperavam que tivéssemos que casar? Agora vejo tudo de forma clara: no passado casar era sinônimo de algo bonito; vejamos no que isso se tornou: milhares de separações e divórcios desde então. Um país que vomita separações todos os dias. O bonito se tornou feio ou o feio sempre foi destinado a ser feio. As pessoas não se aguentam. Não suportam viver sobre os costumes do outro; sobre os hábitos; o modo de escovar os dentes. O modo de vestir os calçados. A luz da cabeceira acesa antes de dormir. Ele ainda está acordado e você quer dormir. A alimentação, as vontades de concertos, filmes ou peças teatrais que sempre geravam divergências, e, as divergências, sempre presentes. As desavenças em nossas vidas, de marido e mulher.

Um objeto parece cair ao longe. Talvez um livro, talvez uma pasta contentando documentos ou folhas velhas. O rosto da personagem parece um pouco mais sombrio, como se uma luz estivesse baixando de modo progressivo a cada palavra dela, como se uma luz fosse uma câmera de cinema e aquela luz focava-se em seu rosto.

– A casa era um tipo de delírio. Tínhamos tudo e nada, por exemplo. A universidade, a vida de professora, me preenchia, sem dúvidas, e eu sabia que estava trabalhando com empenho naquilo que fazia, tínhamos um filho cujos olhos de melancolia às vezes contrastavam com o belo sorriso que dava em seus momentos únicos, tínhamos um filho forte, saudável e bonito, com uma condição de inquietação própria a sangrar dentro de si, essas coisas que apenas mães são capazes de sentir, as inquietações fervilhantes dos filhos, aquele embrião que passou nove meses dentro da barriga. O contato materno do cordão umbilical. Teríamos, em tese, que sermos felizes. Não passávamos dificuldades econômicas; não; nunca. Somos desse tipo de geração comum em nossa nação que passa por mais dilemas existenciais do que qualquer outra classe social; pagamos psiquiatras, psicólogos e psicanalistas para que nos

digam o que há de errado conosco. Uns pedem remédios. São diagnosticados com transtornos de personalidade. Com depressões. Com estresses pós-traumáticos. Com depressões de todos os gêneros e causas possíveis. Pagamos para que detectem nossas doenças e nos curem quando não conseguimos mais lidar, a sós, com a realidade. Todos esses profissionais da “alma” evitam, em grande medida, que pessoas como eu se atirem em precipícios justamente por pensarem em delírios constantes, em vontades de não mais viver-se, de virar pó. Pessoas como eu, Doutor, precisam de médicos como o senhor para que a realidade volte a ser reconstruída em nossos imaginários. Outros desejam internação. E há aquela linha limite de nossos semelhantes que parecem viver numa ficção paralela, a da esquizofrenia, como se um demônio estivesse devorando suas vísceras, uma realidade tão real quanto a realidade que é real. Mas nós, Doutor, somos uma classe que paga para que o trabalho seja feito. Tal qual o mundo foi construído.

O médico enrubesce e baixa um pouco a cabeça, como se estivesse a refletir sobre cada uma dos vocábulos de sua paciente. O médico sabe que tem de ser calculista e preciso para que erros não sejam cometidos; pede para que ela fale mais. Como ainda não sabe a que conclusão chegar em matéria de raciocínio prático, pede que a mulher fale mais sobre sua vida, seus medos, suas inquietações. A práxis, supostamente, curativa.

– Nossos problemas eram os próprios silêncios. O pai que mal fala com o filho; a mulher que troca poucas palavras com o marido, e, ainda, palavras enunciadas no cansaço, porque a permuta das palavras vem justo na hora do jantar, um pouco antes de recolherem-se à cama. No momento do cansaço confinante, fatal e contíguo, palavras emitidas para que não tenham repercussão. A mulher que não fala com o marido. O marido que não fala com a mulher. O filho que “tenta”, com um esforço quase sobre-humano, comunicar-se por meio de todo tipo de linguagem visual, escrita e não visual, com a mãe, para que essa lhe ensine a comunicar-se com o pai, e o pai e o filho, que são incomunicáveis, é dizer, o pai e o filho que mal trocam palavras, que não se comunicam. Esses eram os delírios. Assim foi minha vida. Mas, talvez, eu esteja sendo injusta.

Ela vacila. Parece que deseja começar a falar de outra coisa, mas muda de ideia quase instantaneamente. Ao menos o médico sabe que, em determinado momento das próximas palavras, ela irá entregar-se, porque falará o que de fato desejava falar logo de início, quando titubeou. O médico aprendeu que algumas coisas, dentro da sala divã-paciente, são proferidas e enunciadas justamente nas tentativas de silêncios, porque eles dizem mais do que palavras.

– Não sei como sou capaz de pensar o que sentia ou como me sentia. Era uma professora, cumpria funções, domésticas e profissionais, era uma professora com um marido advogado, sócio majoritário de um escritório, marido advogado esse que numa certa tarde eu soubera possuir uma doença neurodegenerativa cuja principal repercussão estava assentada na memória. A destruição progressiva e irreversível dos neurônios de meu marido, seu sistema nervoso a deteriorar-se e eu não tinha outra escapatória senão dar-lhe a mão, segurar-lhe os cinco dedos firmemente, na ocasião do diagnóstico. Fomos pra casa em silêncio. Fazia um pouco de calor dentro do carro e lhe pedi que ligasse o ar condicionado. “Ligue o ar, está quente demais aqui dentro, por favor.” Ele responde que sim, que ligará. Foram minhas – nossas – únicas palavras depois que descobrimos, conjuntamente, que todos os seus exames resultavam na inibição ou retardo das suas funções cognitivas. Ele poderia tentar levar sua vida como se fosse uma pessoa normal. Em algum momento aquilo começaria a prejudicar-lhe – e prejudicar-nos, palavras do neurologista. Ele tentou. Não havia tempo, entre nós dois, de conversas terminantemente longas. Seu diagnóstico foi dado como uma punhalada no peito. Apenas poderia estender-lhe a mão, segurar sua mão, para, em casa, quando você estava sentado na cadeira do próprio escritório, com a cabeça apoiada numa em minhas mãos, como se a olhar o vazio ou nada, eu fosse lhe dar um abraço, desses que herdamos para sempre em nossas lembranças. As últimas palavras do neurologista recaíam sobre a assertiva de que a doença desenvolvia-se de forma progressiva, que era necessário ter hábitos de vida saudáveis, que a medicação fosse tomada regularmente até o dia do juízo final – o quadro de todos os fins, a doença incurável e que te levaria ao óbito. O

médico também lhe disse que tinha chances grandes de envelhecer e, por vezes, sequer sentir o avanço do envelhecimento em razão da doença. Sei perfeitamente que você sentiu todos os sintomas muito antes e aquele médico não estava a te dizer nenhuma novidade. Assim seria tua vida, então. E me restava, não apenas como mulher e amante, mas amiga, dar-lhe a mão e um abraço.

Ela não titubeia. Fala com uma dureza e seu semblante transparece seriedade.

– Existiam alguns instantes em que não sabia se ele me amava ou havia se esquecido. Não sabia se me amava ou não, porque de sua vida pessoal e particular, ele vivia se esquecendo. Enchia-me de angústia – angústias. Eu mesma não era capaz de reconhecer se meu marido realmente me desejava ou cumpria o papel que lhe cabia depois do erro cometido de casar-se. Esses foram os piores ápices da doença; em algum momento percebi com certa melancolia que meu filho seria incapaz de compreender o próprio pai; nenhum de nós dois ofereceu-lhe explicações, nem quando criança, tampouco quando havia crescido e existiriam apenas breves emissões de algo “qualquer” quando a criança já virara adulta. Ainda acho que tomamos a escolha certa, embora saiba que não fomos honestos, tampouco justos. Estamos em eterna dívida com aquele garoto que se tornou um homem. Creio que deva ter crescido amargurado. Acho que tenha se sentido pouco amado pelo próprio pai. Sei que ele tentava dizer-me tal com seus olhos de amargura e desespero. Mas existem outras questões envolvidas. A possibilidade de tornar o mundo dele menor ou mais infeliz diante da probabilidade de carregar o legado paterno genético, a mesma doença; pensamos em prós e contras, pensamos na escola, pensamos nos colegas bondosos e maldosos, discutimos como se a escolha fosse de apenas uma única pessoa, pensamos no tipo de crescimento que ele teria, onde estariam seus amigos, as namoradas e assim por diante. Talvez esse tenha consistido o único minuto, durante o matrimônio, que tenhamos pensado em algo que partilharíamos e faríamos conjuntamente. Um filho. Optamos para que nosso filho não soubesse das possibilidades e o

condenamos a nunca saber se o pai realmente o amava ou não. Cometi esse e outros erros com meu filho. Ele cometera o erro com seu filho.

O médico entende. Ao menos acha que consegue entender. O fio de Ariadne desse labirinto mortal se encontra nas artimanhas filiais. Esse que nasce depois dos longos nove meses de gestação da mulher. Mesmo tendo que pensar de modo simples, tua práxis médica te leva sempre aos formalismos e estudos de livros psiquiátricos. O caso é mais difícil do que suponha que fosse. Pensa sobre o garoto e sua paciente, a mãe: “que esse não tenha complexo de Édipo, seria algo a se pensar.” O médico intui que há mais a ser revelado. Precisa de dados, subsídios, avisos. Precisa desde a espinha dorsal até a enxaqueca da semana passada. Precisa da vida da pessoa ou daquilo que a vida da pessoa expressa como vida. Agora quer maiores detalhes sobre o relacionamento do pai com o filho.

– Tenho uma vontade desumana de rir nesse momento – ela ri, de modo exacerbado e talvez forçado, umas gargalhadas que começam alto e pouco a pouco baixam o volume até tornarem-se gesticulações frasais monossilábicas. “Eles... foram... distantes... mas eu também me mantive distante.”

O médico percebe que essas palavras podem causar um cataclismo na mesma. Precisa de mais elementos e a rota terá de ser decomposta para que todo aquele trabalho de meses que está lhe rendendo absurdamente em apenas uma sessão não seja perdido. A lição que “pretendia” tirar, de si mesmo, suas conclusões finais diante do caso emblemático e labiríntico da paciente. Ele mantinha, grudado ao prontuário dela, uma foto de uma mulher com um olhar cansado, uma grande interrogação escrita em caneta preta. Não sabia o que diagnosticar, tinha uma impressão irreal de que ela lhe levava para lugar algum e lugar nenhum; você se sentia submerso enquanto falava com ela. Perdia-se em pensamentos; pensava em sua vida; em seu casamento. Como consequência, era o médico que não tinha um diagnóstico. E era o momento propício para que as coisas ficassem mais claras, não apenas a ela, mas si também.

– Pergunto como você se sentia em relação à permanência no lar, sem seu marido e filho, imagine-te hoje, nos dias de hoje, naquela casa com seu filho crescendo, seu marido trabalhando, você exercendo sua rotina, se você estivesse hoje, naquela casa, absolutamente sozinha – sem nenhum dos dois por perto – e não tivesse que pensar neles naquele espaço, como você se sentiria?

– Não consigo imaginar nada sem ambos. Mas estou sendo injusta. Sempre fui injusta. Do que adianta pensar em injustiça, justo agora. Agora que nenhum deles mais está ao meu lado.

Pergunta errada, Doutor. Você e sua inexperiência. Vai ter que mudar de trajetória e caminho e com certa urgência. Calcula – sempre calculando, como se fosse um economista ou físico – a pergunta imediata a ser feita, aquela que vem em seguida.

–Fale-me sobre a sua relação com seus pais. Deixemos seu marido e filho de lado por alguns instantes.

Pergunta errada, outra vez. Mas apenas dá-se conta depois da resposta. Pergunta errada. Outra vez.

– Doutor, desculpe-me. As lembranças me fogem à mente. Tive pais bons, mas não creio que seja um bom dia ou oportunidade ou opção para falarmos a respeito. Sinto-me cansada. Sinto-me envelhecida. Faltam dez minutos para a sessão acabar. Tomarei a liberdade, e espero sua permissão, de retirar-me. Na próxima sessão – haverá uma próxima sessão? – posso responder-lhe mais a respeito de todas essas coisas que deseja saber.

O médico assente, como se estivesse de acordo. Diz-lhe “nos vemos na próxima semana, então”; estende a mão despedindo-se, ela responde aquele e faz o mesmo, apertam as mãos, eles se olham, e ela sai. O formalismo da psiquiatria, o distanciamento que os manuais expõem e que ironia, você sabe mais a respeito dessa mulher do que sobre sua própria, que dorme a seu lado. A paciente usa uma saia até os joelhos e usa uma manta de estilo indiana, com

uma coloração vinho e alguns detalhes em dourado, parecem pequenos dragões, vai caminhando e pisando lentamente para fora do consultório. Você permanece observando-a. Assiste ela caminhar pelo corredor. Uma mulher bonita e até mesmo atraente, sem dúvidas. Só que sua beleza e palavras levam-te a mais interrogações do que certezas. Precisa se concentrar; veja-se que ela sofre, ela e metade dessa cidade e a maior parte do mundo, mas seu sofrimento seria mais preciso e mais definidor, não apenas da mulher de que trata, mas um sofrimento detectável a olho nu. A incomunicabilidade entre pessoas. Ainda escrevia uma tese a respeito. Aquela mulher seria seu caso prático, modificaria alguns detalhes de toda a história e ela seria o caso prático de que a incomunicabilidade é a base dos problemas de boa parte das relações humanas. Nada muito novo. Nada de novo no *front*. Sente-se cansado. Precisa dormir. O plantão já acabou, embora logo outro comece. Aquela clínica psiquiátrica precisa de sua presença, pois, afinal, você também a comanda. O comando e o poder. Esse médico que sempre esteve querendo se livrar disso tudo – dessa sua chaga ou destino e fazer um caminho a qualquer terra que seja espiritual, como Índia, Japão, os budistas, a qualquer parte do mundo que te faça viajar para que descanse de todos esses exaustivos casos cujas complexidades pareciam aumentar-te em progressão aritmética. Você é médico, psiquiatra, dono da clínica, a herança maldita – ou bendita? – que tu carregas consigo? Se houvesse um prontuário a seu respeito – e houve, porque você já teve um psiquiatra, teve que passar pelo momento da análise como qualquer paciente seu –, teria de admitir, quase com ampla certeza, que esse médico também colocaria uma gigantesca indagação ao lado da sua foto.

FILHO

Conflitos familiares. Essas novas igrejas ditas universais possuem a capacidade de pronunciar, por vezes, ao vivo e a cores, em nossos aparelhos de televisão – nossas próprias propriedades particulares –, e também em prédios e construções e eles têm o magnífico poder de atrair pessoas e cada vez mais pessoas, essas e aquelas igrejas têm a capacidade de dizer que possuem a cura para os conflitos familiares e basta que você compareça ao

templo mais próximo da sua casa para que sua desordem familiar seja resolvida. Pena que quando eu nasci isso ainda não existia – igrejas que resolvem milagrosamente conflitos familiares sem ao menos saberem teu próprio nome. Existiam igrejas, basílicas, templos e santuários, sem dúvidas, é claro, sempre existiram e existirão. Mas naqueles momentos elas estavam ali para pregar sermões, para falar sobre fé, sobre cristandade, sobre a bíblia, sobre superar o ego e o superego, existiam igrejas para relatar exaustivamente a bíblia, o novo e o velho testamento e fazer outros relatos, verídicos ou não, a respeito de peregrinações de homens e mulheres. Pena que quando nasci essas novas igrejas ditas universais – portanto, para todos, sem exceção – ainda não existiam. Talvez tivéssemos sido mais completos ou felizes ou o que seja diante de algo tão milagroso assim. Todavia, não fomos. Estaria a covardia para sempre estampada em nossos reflexos. Olho-me no espelho e me pergunto se sou, ou não, um covarde.

Pai, eu não queria te dizer – mas digo, mesmo que tu não estejas aqui ao meu lado – que me sinto um homem plenamente escravo; sinto-me escravo dos costumes. Dos pensamentos e das frases que são pronunciadas nesses jantares formais, esses comportamentos formais que existem até mesmo dentro de nossa própria família; sinto-me um escravo com esses comportamentos protocolares que a academia universitária me obriga a ter. Os hábitos que o colégio me obrigou a ter. Pois, veja bem, desde o colégio me sentia assim. Obrigavam-me ao ensino religioso. Como eu me negava – dizia à professora que me mostrasse o código escolar no qual me coagia explicitamente a ir e frequentar a capela e ela arquejava uma raiva que emitia pelos olhos, dizendo-me que isso teria consequências – e tivera implicações mortais, a professora de ensino religioso tinha certo apreço em proferir-me a nota “C” ao meu caso, em específico. Eu me negava tacitamente a frequentar a capela com o restante dos alunos e, nesse tempo que passava dentro da sala de aula, eu lia algo, desde estória em quadrinhos até bula de remédio, e livros, sobretudo livros, como Goethe ou Kafka, naquela idade eu lia muito Kafka, me sentia um ser rastejante dentro de mim mesmo, quase um inseto a caminhar

pelo deserto no meio de uma turma de colegas, aproximadamente umas quarenta pessoas, e eu me sentindo rastejar por entre elas. O que quero te dizer, pai, é que ninguém me obrigava na aula de ensino religioso a fazer algo pelo qual eu não acreditasse – como ir até a capela e mostrar silêncio e dedicação e respeito, quando eu estava sendo forçado a agir dessa forma. Escuto o silêncio ensurdecido de colocar os pés dentro do antigo colégio. Os falsos estudantes buscando status e popularidade. A falsidade das professoras hipócritas, cínicas e, sempre, vingativas. O padre que se envolvia com professoras ou e fora “demitido” ou mandado para outra parte da congregação, porque os pais – alguns pais – já sabiam da novidade e aquilo significava um escândalo, sem dúvidas. O dia da gincana escolar em que corríamos pelo colégio como completos alucinados com a competição entre as diferentes séries e nós fomos – num momento de descanso daquele dia exaustivo – entre três para as proximidades dos dormitórios dos padres e irmãos e quando o filho de Enrik foi colocar a lata de Coca-Cola na lixeira localizada exatamente na entrada dos dormitórios dos padres, da qual tínhamos parcial acesso, encontramos uma lixeira com mais de vinte garrafas de whisky Red Label, todas, vazias, meticulosamente ordenadas, como se a água benta tivesse sido bebida. Concluimos que os padres, além de terem excelente gosto, tinham excelente capital para ingerir toda aquela fortuna alcoólica que agora se estampava em garrafas vazias, dentro da lixeira. Concluimos que eles bebem como pessoas normais. Então eles haveriam de ser, “normais”, a seus modos e maneiras.

Também tenho de contar-te que houve um seminário sobre religiões, o último do ano, em que falo sobre “Ateísmo e a Provável Existência de Deus” e aquele, aquele meu primeiro momento de argumentação oral discursiva – além do júri simulado escolar há alguns anos atrás em que eu havia ganhado por dois votos apenas, representando a promotoria no caso “Segunda Guerra Mundial”, e eu não representaria nunca os bandidos, representava os mocinhos, os não nazistas e ganhei com muito custo e suor o tal do júri, por dois votos apenas, e nada disso me foi tão empolgante quando o dia em que convenci a professora de que fazer justiça e mostrar o que ela significa é a

tarefa primeira de qualquer escola – e pessoa – deveria desempenhar. Essa mesma justiça que finge ser cega.

No dia do seminário, aparentemente eu estava agradando a professora e animava aos colegas, que se viram de certo modo empolgados pelo grande debate que gerava propositalmente, e ela, nos seus hábitos formais, ao final, elogiou-me – e, pela primeira vez, pude observar não houve nada de hodiernamente cínico nas suas palavras – e, como resultado, no final do ano, pela primeira vez, no boletim escolar, eu tirei um “A” em Ensino Religioso. Agora você deve estar se perguntando por qual razão eu estou te relatando de modo tão exaustivo essa experiência escolar. Estou te relatando um ensaio de ocorridos dentro daquela escola porque esse acontecimento me é a lembrança mais próxima do quanto eu me sinto sufocado com a lógica do mundo. Esse estado sufocante sempre lhes foi – a ti e a mamãe – observável. Você mandou-me a médicos para saber a respeito dos problemas que afetassem minha personalidade durante diversos momentos da infância e adolescência. Não era apenas você ou mamãe quem queriam saber o “meu problema”, eu mesmo queria saber o que me afligia, aquilo estava se tornando um enigma dentro de meus ossos, meu fígado, dentro do meu cérebro. Agora eu te digo, pai: hoje em dia eu entendo que meu problema foi ter sido insatisfeito desde sempre, escravo dos costumes, de todas as maneiras e modos de agir súbitos. Eu nunca fui assim. Nunca servi para ser servo ou vassalo das tradições, das lendas e mitologias que cercam o imaginário de como deve ser o comportamento humano.

– Pai, me parece tão difícil você me aceitar como eu sou.

Desejaria estar bêbado, emborrachado, nesse momento. Não ter consciência de nada, a amnésia que venha e domine meu corpo e mente. Você reprovaria tacitamente meu comportamento. “Olhar-me-ia” de soslaio, chegando às cinco horas da manhã em casa, com o terno segurado por um dos braços, a gravata absolutamente desalinhada e uma mochila nas costas, a única coisa que permanecia firme no meu corpo, eu, tentando fechar a porta a muitas coisas, como se a chave fosse a coisa mais incompreensível existente

na face da terra, eu, chegando bêbado em casa e você, no alto da escada, a olhar a figura patética do seu filho, mais uma vez, repetindo o mesmo ato, mais uma vez em uma única semana. Você não falava nada. Via-me subir com dificuldades degrau por degrau até que eu chegasse ao topo, estivesse ao seu lado, o perfume que colocara pela parte da manhã não lhe era mais sentido, você sentia odores de álcool em cada poro do meu corpo, em cada fio do meu corpo, sentia álcool emanar do meu couro cabeludo, da minha boca que soletrava uma música infantil e debochada, sentia álcool emanar dos meus olhos. Nós dois nos olhávamos e nada falávamos. Eu voltava a baixar a cabeça e você, pai, voltava para seu quarto, fechando a porta num silêncio agonizantemente fatal. Atiro-me sobre minha cama e tiro, de dentro da mochila, enrolado no aparelho de música, aqueles fones de ouvido cheios de nós e no meio da bagunça de livros jogados de qualquer modo ao chão, livros de filosofia política, Cortázar e Alan Poe, dentre outros papéis e rabiscos, eu retirava a garrafa de vinho – o bem mais precioso ou ao menos naquele momento era isso que pensava –, havia apenas mais um pouco de vinho e era imperial respeitar aquela garrafa e terminá-la triunfalmente, como triunfam aqueles que passam pelas “linhas de chegadas”; permiti dar o triunfo ao conteúdo da garrafa e tomei-a gole a gole, até que seu último já não fizesse mais parte de seu interior.

A manhã sempre chega, para algumas pessoas, como uma grande dor de cabeça. Quando acordei fora exatamente esse o estado pela minha pessoa autodenominado, um estado de mal estar físico que se desenvolvia em cada músculo. Uma dor que se espalhava pelos olhos, pela testa, pela cabeça e cérebro inteiro – todos os meus malditos neurônios – dor que descia lentamente pelo pescoço, fazendo com que tuas reações sejam mais lentas do que o normal. Uma dor interminável e, se não fosse à aspirina, inacabável essa dor, seria. Tinha o dever de descer as escadas, sentar-me à mesa do café da manhã, dizer bom dia e ouvir o bom dia de minha mãe e o bom dia de meu pai, todos sentamo-nos à mesa e nada dizemos, sempre nada dizemos, eu carrego minha mochila equipada e novamente organizada, visto um terno azul e uma gravata preta, meus cabelos estão molhados, acabei de sair do banho, já

começo a sentir o efeito da aspirina que ao comer o pão fará todo aquele estado de dor e aflição acabar de uma vez por todas, eu consigo assistir a cena em câmera lenta de nós três sentados à mesa do café da manhã sem nada dizermo-nos e éramos uma família. Sirvo-me de café e leite. Você, pai, se serviu apenas de café preto, como seus escurecidos olhos ou a escuridão que tu me colocavas quando nada me falavas. Creio que a mãe tomava um suco. Não lhe prestei atenção. Eu tinha chego bêbado em casa e ali estava eu, na manhã seguinte, com poucas horas mal dormidas, vestido de terno, acabara de sair do banho, cheirando a perfume masculino, devidamente equipado, depois de uma aspirina e produtos alimentícios, eu estava regenerado, ao teu lado, outra vez, e talvez isso te desse sossego ou tranquilidade. Saber que, mesmo me auto mutilando, descia as escadas para o café da manhã e cumpria todas as minhas tarefas diárias. Acho que, por isso, tu te negavas a pretender à repreensão. Você nunca me repreendeu. Nem quando comecei à pura e deliberadamente fumar em meu quarto ou ler às escondidas, os lícitos e os proibidos, transgredindo as regras da casa e você era incapaz de repreender-me; pelo que me parece, te tranquilizava apenas e tão somente o fato de que eu era como uma Phoenix, a ave, que eu me regenerava depois de algumas horas de sono, aspirina e um café da manhã. Morria, entrava em autocombustão e renascia das próprias cinzas e você, pai, via nisso algo “bom”, algo que não fosse chato o suficiente para que tivesse que se prestar a me “repreender”. Os meus símbolos e ritos de imortalidade e renascimento “espiritual” – se tu realmente acreditavas nessa última hipótese eu te chamaria de louco – pareciam ser “suficientes” para que você, no café da manhã, tão somente me desse “bom dia” e nada mais.

MÃE

– *A long time ago...*

– Como? O que a senhora disse? Falou em inglês, certo? “Um longo tempo atrás”, é isso?

– E, diga-me, o que importa-nos Doutor?

–Talvez a senhora pudesse me explicar isso com maior facilidade. Há pacientes que começam a sibilar algum tipo de canção ou dizer palavras em outra linguagem, porque, no fundo, querem e precisam dizer coisas mais íntimas, sobre si mesmos.

–Tudo aqui é fábula. Toda escrita é fábula. Cortázar estava certo.

– Se a senhora não se importasse – *porque ele ainda pensa se ela vai se importar ou não se está sendo pago e recompensado para ouvir de tudo?* – eu gostaria que você me esclarecesse melhor suas palavras.

– O senhor escuta, então entende.

Ela está tentando persuadi-lo. Está fazendo o jogo lúdico – e paga para tal. Está tentando fazê-lo pensar que tem – e deve – criar perguntas melhores, mais perspicazes. Está fazendo o serviço sujo de enganar ao próprio médico, que está sendo pago para estar “tratando” ela mesma. Está tentando persuadi-lo, fazê-lo criar perguntas mais distantes, está tentando persuadi-lo para que ele lhe deixe desfrutar do silêncio. O que ela anseia, mais do que tudo, são silêncios, e, esses, com o nada personificado, bastam.

– Há algo na psiquiatria, que inclui dever próprio, conveniente e oportuno, de dizer-lhe que, quando não há uma afinidade ou possibilidade factual de continuar tratando-a pelas inconveniências e silêncios exacerbados que passemos com nós mesmos – lhe digo, paciente e médico –, há algo na psiquiatria, prescrita em normas e prontuários e regras e estatutos, há algo na psiquiatria que remonta ao fato de que tenho o dever de recomendar-lhe para outro profissional, recomendar você a outro médico, o seu caso ou o problema que está a afligir-lhe. Não se trata de uma desistência, como médico, senão um dever profissional. Tenho de comunicar-lhe isso a partir desse instante.

Ele estaria desistindo? Ele mente quando diz que não se trata de uma desistência, porque qualquer leitor perceberá que sim, se trata perfeitamente de desistir. Sentir-se-ia cansado, exausto, estafado por aquela mulher pela primeira vez em toda sua carreira? Estaria pronunciando essas palavras para

que, pela primeira vez na sua trilha, seu primeiro fracasso comece – como o primeiro fracasso do psiquiatra que teve de refletir sobre o paciente que efetuou o suicídio –, você, dono da clínica, desistindo – mas poderia ao menos alegar problemas burocráticos para passar a paciente a outro, afinal, era o dono e tinha muitas tarefas a desempenhar, tarefas que estão juncadas na administração e não na saúde, você estaria desistindo, Doutor? Pela primeira vez na sua carreira pronunciou essas palavras e elas lhe soaram esclarecedoras o suficiente para qualquer um, desde um esquizofrênico até o depressivo em nível mais fraco. Elas lhe soaram esclarecedoras o suficiente para que tu te sentisses um fracassado sem limites. Médicos e seus fracassos. Você tinha seu primeiro fracasso sentado à sua frente. É bom analisar o tipo de roupa, a maneira como porta as mãos, como a bolsa está posicionada, é bom analisar o seu primeiro fracasso para que nunca mais esqueças como fracassou. Você deseja reter a imagem daquela mulher como se estivesse formando uma fotografia mental que jamais seria esquecida ou apagada do teu cérebro, uma fotografia daquela mulher de classe média, com marido advogado emblemático e filho também emblemático. O prontuário também jamais seria esquecido: a grande interrogação. Você estava abandonando o acontecimento. Era isso que desejava. Há não ser que exista uma pequena possibilidade nas próximas palavras, era isso, estavas tacitamente desistindo do caso, mas sempre havia possibilidades de manutenção e continuações. Havia algo de errado contigo. Havia algo de errado em tudo aquilo. Você era como os outros, afinal. Poderia ser aquela mulher e você a falar-lhe aquelas mesmas palavras, em todas as mais de cento e quarenta e uma sessões, e você tentaria se recordar desde o primeiro momento em que ela se sentara no divã, mas essa lembrança, essa você não tinha, sobretudo porque você ofereceu a ela sentar-se no divã e, de modo esmagador, ela disse que se sentia mais confortável na cadeira e de nada adiantaria qualquer argumentação ou tentativa de fazê-la mudar de ideia. Você estava desistindo e sentia seu fracasso correr pelas suas veias, como um vilão, uma segunda personalidade, que percorre teu corpo apenas no momento propício, o fracasso correndo pelos teus órgãos, fazendo-te sentir corroído, corroendo-te, mas ali estava a realidade, a realidade corroendo e sempre corroe, desde os primórdios da

existência humana, você sentado com uma caneta em mãos, um jaleco, uma camisa branca e uma gravata branca. Era assim que você estava vestido no seu primeiro fracasso. Também não desejava esquecer-se desse acanhado grande fato, como estava vestido, queria se recordar sobre como estava vestido, para além de recordar-se como estava vestida sua paciente – o primeiro fracasso –, como ela apresentava características físicas e psicológicas, como ela “era”. Tarde demais, pensa. Anos mais tarde você estaria a dizer para esse seu amigo “lembra-te, daquele caso, *dela*... meu primeiro fracasso...” e teu amigo passa a olhar-te profundamente, com os cenhos franzidos, como a te dizer “porque tanta insistência em amargurar-se com seus fracassos profissionais?” “Todos passam por eles, Diabos!” e ele reflete, um homem de idade ponderando e são sempre palavras tendenciosamente sábias, mas não te diz mais nada, teu amigo, envelhecido como tu, também psiquiatra, prefere não te deixar pior, ao menos ele é solidário na velhice, ele pensa tudo o que está escrito e não emite, para não magoar-te, em verdade, na mais pura da verdade, não te dirá nada e alguns minutos de silêncios depois vocês se perguntam sobre uma janta e umas cervejas e assim despedem-se da noite. Mas tu, Doutor, não te esquecerás do teu primeiro fracasso nunca, muito menos quando passares por esse momento, no teu vindouro próximo e distante. Estará gravado, o *Grande Irmão* que observa você, está tudo devidamente gravado, de modo burguês e factual em tua mente, para sempre. Seu primeiro fracasso se tornará tua tese de doutoramento; a factibilidade da incomunicabilidade. Teu primeiro fracasso por ti sempre analisado; você não mudou muitas questões da história “hipotética” de seu livro, criou outras histórias supostamente “hipotéticas” que na verdade eram as mesmas, mas escritas de maneira diferente, tu analisou, a partir de um caso concreto, a história da sua paciente, para criar uma tese de doutoramento, no futuro, sobre ela – e apenas alguns saberiam disso, nada mais para ser declarado, apenas seus amigos mais próximos saberiam e tudo funciona como uma ética mortal ou moral entre colegas médicos – sobretudo psiquiatras – para nunca revelarem-se e serem revelados a respeito desse tipo de coisa que, para alguns – os não pacientes, a mídia ou outros médicos –, pode “soar nefasta”, embora não o seja –, porque você analisou a

incomunicabilidade como a erva daninha da psiquiatria e das relações humanas. Você foi premiado pelo escrito, mas foi longe demais. Quando verdadeiramente deu-se conta de que aquilo estampava seu fracasso, colocou as páginas na lixeira do seu escritório de casa, e a empregada, na manhã seguinte, ficou perguntando-se porque o “Doutor havia posto tantas páginas da *tesí* no lixo”. Aquela sua paciente que lhe levava a labirintos. A empregada tentava imaginar o que te perturbava.

– A culpa não é sua, Doutor. Eu compreendo perfeitamente.

Ele a escuta. A escuta para não se esquecer. Palavras. Ele pensa que ela é petulante e demasiadamente convencida. Como se estivesse reconhecendo que fracassara e estivesse a debochar dele mesmo. Ele sabe que ela sabe que ele estava fracassando, caindo de uma montanha e seus machucados seriam não apenas profissionais, para sua vida médica psiquiátrica. Seriam para sua toda sua vida.

– A culpa não é de ninguém. Receio que não tenhamos outros detalhes a serem resolvidos. Recomendarei a senhora para um médico muito competente, acostumado a casos familiares complexos e, tenho quase certeza, o tratamento lhe agradará.

Pronto, você desistiu, Doutor. Pôs fim aquela agonia, aquele prenúncio de tragédia. Nada há mais a ser dito, senão escrever uma recomendação a outro Doutor fulano de tal numa receita médica, assinar e carimbar e entregar às mãos daquela mulher o veredicto final, e ele a observará sair pelo seu consultório, observarão sua calma e sua tranquilidade e cada passo e cada movimento, e sua certeza permanecerá, a indubitável fé de que se tratava de uma mulher sem dúvidas bonita e atraente, mesmo a beleza pode fazer-te fracassar afinal de contas, você observará isso acontecer bem na tua frente, diante dos seus olhos. Todavia, antes, antes de vê-la a caminhar, de costas a ti, ela lhe diz algo, em tom monótono, frio e talvez calculista – ou a estaria julgando-a de modo antecipado? –, olhando-lhe cara a cara e você a olhar a ela.

– Houve um tempo, Doutor, em que entrava pela porta dessa sala e tinha o ímpeto de sair correndo. Olhar-lhe nos olhos, encarar-lhe, expor-te minhas fraquezas, expor minha alma e, como a maior cretinice de minha parte, expor a vida da minha família a um completo estranho. Estivemos juntos por uma hora em mais de cem vezes e essas mesmas cem vezes foram como a maldita *Guerra dos Cem Anos*, porque eu me punha frente a ti como se estivesse num confessionário, como se você a escritura de um padre a perdoar os meus pecados. A diferença, Doutor, era a de que você não possui a capacidade do perdão. Você é um completo estranho que eu pago para expor toda a minha vida e você não me perdoa, porque – e simplesmente porque – essa não é a tua função, a tua função, como médico, não é perdoar ou não perdoar, tua função é tão somente aconselhar e nunca emitir sons tão profundos quanto aqueles sons que são advindos de palavras como “perdão” ou “aceitação”. Tu estás sempre à minha frente, como está agora, com esse olhar de vazio, a olhar-me como se eu fosse um objeto científico, a fazer anotações em alguns momentos, a girar a caneta em outros, a olhar fixamente para um ponto perguntando-me a respeito de algo, falando colóquios sobre o funcionamento da vida humana, você me pergunta coisas, quer saber da minha vida, do que tomei no café da manhã, quer saber o que fiz das minhas manhãs, tardes e noites e, nada disso, Doutor, pelos seus manuais, vai nos tornar mais próximos. O que manuais saberiam? Saberiam que sentimentos de dor, de irresignação e resignação flutuam entre pessoas? Saberiam que existe a palavra humanização diante da barbárie na humanidade? Felizmente, Doutor, não existe mais aquilo que se chama de Choque Elétrico, Terapia do Choque Elétrico, terapia que ditadores e subordinados usaram com tanto esmero, em que te colocam conectores na cabeça para te fazer sofrer e enrijecer músculo por músculo. Espero que isso nunca tenha sido feito na sua clínica, Doutor. Porque extirpar verdades ou a vida das pessoas a partir da passagem da corrente elétrica, na minha sincera opinião pessoal, me lembra nazistas e fascistas e ditaduras e espero que isso nunca tenha sido usado aqui, com nenhum paciente. Estou a dizer cada uma dessas coisas provando-te que manuais nada comprovam. Aqueles que recomendam esse tipo de terapia, por

exemplo. Manuais servem como mapas. Não como aconselhamentos profissionais.

Silêncios.

– Vamos continuar: Doutor, algum manual de prática médica psiquiátrica seria capaz de escrever algo assim? Doutor, eu também sou Doutora e entendo dessas coisas, mas na área das engenharias, e na engenharia da minha mente, os manuais psiquiátricos, ao contrário dos manuais de arquitetos e engenheiros, não são calculistas, são frios, os manuais psiquiátricos são frios e indignos de serem lidos por seres humanos, médicos, psiquiatras, porque naquelas linhas enunciadoras de limites necessários e obrigatórios, separação paciente e médico, existia uma proximidade com a palavra sentimentos que ecoam entre quatro paredes, quais elas sejam, e, Doutor, Sartre esteve certo, o inferno somos nós mesmos, sobretudo entre quatro paredes.

Silêncios.

– Mas me diga Doutor, se esses Cem Anos de silêncios e solidões não nos fizeram mais próximos? Diga-me, com sinceridade, Doutor, que tu não sabes o que tenho ou o que vou ter no futuro ou no passado, me digas com sinceridade que tu não sabes meu diagnóstico, ao menos seja sincero, Doutor, e te falo como uma estranha qualquer e não tua paciente.

– Se você fosse uma estranha eu não te responderia a essa pergunta.

O médico percebe a aproximação e as afastadas frases, todas arrebatadoras, como se estivessem prestes a ir, ensanguentadas, para o açougue, palavras a serem cortadas como animais, o derrame final. Estaria tarde para colocar um fim a aquele caso? Seria tarde para recomeçar? Ele sente-se perdido. Esses malditos percursos intrincados da vida. Há qualquer tontura que as palavras daquela mulher causam-lhe; daquela forasteira, depois desses cem anos, ou daquela sua paciente? Estou a ver um Minotauro em minha frente, aquele monstro, metade touro, metade humano, a quem eram oferecidos jovens para que os devorasse? Ela é esse Minotauro versão

feminina e eu sua presa? Eu, médico, na casa dos trinta e poucos anos, inexperiente – porque apenas um inexperiente completo haveria de sentir-se assim, não? – *Ele pergunta-se isso que está escrito* – sendo oferecido para ser devorado por aquele Minotauro, aquela mulher, onde está o fio do novelo, onde o perdeu, jovem Médico Doutor Dono de uma Clínica Psiquiátrica, como perdeu o fio do novelo? Existem estranhas saídas múltiplas. O esgotamento lhe pesa as pálpebras, o símbolo de sua iniciação ao aborto e ao falho. Segundo consta-se, fracasso vem a significar o estado ou condição de não alcançar-se determinado objetivo pretendido, desejado, tarefa significativa essa de identificar o próprio fracasso. Está-se a perguntar por que se julga tanto por isso. Sua mente lhe responde, é seu passado, a atormentar-te, são seus hábitos e seus costumes e não consegue desvencilhar-se deles, mesmo sendo “normal”.

– A culpa não é sua, doutor – *via-se que a distância aproximava-se. Falara baixo demais a palavra “Doutor”.*

Doutor, você não está sonhando acordado. Você não vê a hora disso chegar a um fim.

– Ao largo de todas as nossas discussões e debates, ao largo de nossas conversas, ao largo de nossas convivências, em algum ponto, perdemo-nos. Quando digo essas coisas estou ultrapassando as barreiras médicas éticas impostas. Apenas as digo porque uma coisa é você fazer um juramento sobre um homem chamado Hipócrates – falecido há milhares de anos – e, outra, muito distinta, é você ter caráter suficiente para ser sincero, em vida. Essa barreira não existe, em mim, e nunca existiu, nem no momento em que me falsifiquei com todos os meus colegas no juramento de Hipócrates, durante a graduação, nem nunca. Falsifiquei-me porque mentia. Sim, eu jurava salvar e cuidar, mas jurava acima de tudo ter caráter e ser sincero com aqueles que, diante de mim, estivessem. Havia alguma coisa de pessoal nessa minha atitude; talvez a tenha herdado de meu avô ou talvez, com menos probabilidade, de meu pai. Sim, eu jurava salvar e cuidar e ser digno e sincero e ter caráter, porque nenhum homem que se preze a salvar e cuidar de outros

pode prescindir de suas juras de dignidade e sinceridade. Quando afirmo cada uma dessas palavras extrapolo todas as fronteiras permitidas entre médico e paciente. A verdade que queres saber é a verdade que sempre soubestes: nessa guerra de mais de *Cem Anos* em que tu expunhas tua vida a um estranho, expondo, covardemente, conforme tuas palavras, também, tua família, nessa guerra que eu te via travar consigo mesma, eu não cheguei a lugar algum, a nenhum diagnóstico. Receite-lhe antidepressivos, remédios para dormir, de tudo um pouco ou de nada a nada, porque se há erros, os acertos também existem. Cada vez que chegávamos juntos ao *front* de batalha eu tinha mais certeza de que não precisavas de nenhuma dessas coisas. Nossa guerra ao menos se tornava branda, o armistício de uma das partes – as minhas armas – diminuía contra ti. Não tinha equipamento suficiente para enfrentarte, para dar-lhe uma cura, uma solução, você é minha “paciente labirinto”. Você foi resultado de uma ou várias falhas, consecutivas. Ao dizer-te isso tudo, creio que também tenho o dever de dizer-te que lhe devolveria centavo por centavo do que me foi pago. Essa é a fronteira que criei em mim mesmo quando jurei perante a alma de Hipócrates. Sem sentimentalismos profanos, eu lhe devolvo centavo por centavo, isso não seria problema, mas o fim precisa chegar, o fim está aproximando-se.

Silêncios.

Ambos se miram, como se congelados pelo tempo. Ela o está admirando, olhando ao horizonte daquela janela que a tranquilizara sempre, a janela com pinheiros belíssimos, todos de mesma altura, um jardim cuidado com a delicadeza de alguém fiel, aquela janela que tantas vezes olhara durante a guerra. Se recebia um balaço, ele partia a vidraça, a janela era seu curativo. Como se a fugir de outros balaços. Pensando melhor, aquele médico que julgava incompetente tinha mais competência do que tu supunhas que tivesse. Aquela velha história de julgar as pessoas sem conhecê-las. Sentia-se destroçada, não apenas pelas palavras do médico, mas porque toda aquela situação lhe era compreensível demais, nada havia de incompreensão. Ela

tinha um marido (im)memoriado e um filho que contava nos dedos a hora de sair de casa, mas ambos já não estavam mais ao seu lado naquela época. Ambos já haviam partido a seus próprios modos. Ela queria reconciliar-se hipocritamente com sua família por meio do seu psiquiatra e pagava para isso. O relato, contudo, tinha-lhe um sentido profundo, inquietante. Talvez a razão da escolha da academia universitária como profissão. Porque ali, sentada ao lado de cada aluno, alguns libertários, alguns contidos e alguns demasiadamente polidos, ali sentia a presença profunda da busca constante do relato, os alunos a tentarem relatar suas ideias e seus ideais, os alunos que nada tinham de sonhadores se a realidade não fosse tal como se apresentava. E ela também tinha um psiquiatra porque se o marido não trocava palavras, alguém haveria de escutar-lhe. Suas amigas pareciam demasiadamente equivocadas para compreender o que quer que fosse. Seu psiquiatra, talvez, o lograsse. Não achava justo que aquele homem viesse devolver o que quer um dia tenha-lhe sido pertencido.

– É curioso. Tenho vontade de dar-lhe um abraço.

Ambos caminham um em direção ao outro. Abraçam-se, sem que haja qualquer sentimento sexual, porque sempre os torpes e pervertidos pensam que há sexo em tudo, ambos se abraçam, num abraço de despedida, de fim sem começos e começos sem fim.

– Eu a vejo caminhar no corredor principal da clínica. Não há mais ninguém, além da minha figura de homem, na porta, a olhar fixamente para aquela mulher, que, agora, não voltará a ser minha paciente. Ouço os sapatos no chão, começo a contar, um, dois, três, quatro... me perco e, por fim, já não escuto mais nada, senão um vento forte a aproximar-se, um temporal há de vir, havia lido no jornal a respeito de possível granizo, precisa ir logo para casa, ao lar, com sua mulher ao lado, suportar a presença de minha mulher e fingir que nada disso, nenhuma dessas aflições desse meu dia tormentoso, tivesse, de fato, me afetado, como uma espada encravada em minhas costas. Estou vivo,

entretanto. No meu bolso sinto as chaves de minha casa. Preciso ir logo, ao mesmo tempo que não desejo sair daquela cadeira de psiquiatra, que é capaz de girar e fazer de algumas pessoas, mundo delas, dar seus próprios giros. Veja, médico, lúcido, sobre nenhum efeito de medicação para a mente, estou falando sozinho comigo mesmo.

– Espere – murmura com um tom de voz um pouco elevado, para que seja audível – devo também te dizer que somos complexos e nascemos para sermos assim, complexos e angustiados e por isso profissões, como a minha, existem. Por sermos complexos – eu mesmo, minha mãe, meu pai, minha mulher e meu filho, todos de uma complexidade sem tamanho – temos de lidar com as diferentes formas de sofrimentos, não apenas aquelas físicas, que tu vês nos corredores de hospitais de emergências, como os sofrimentos da alma, os mentais, porque eles são mais complexos, não basta uma anestesia naquele ferimento, se uma agulha e uma anestesia bastassem, nenhum de nós dois não estaríamos ambos de frente um para outro. Minha tarefa é garantir o teu bem estar psíquico. Sua tarefa, senhora – *depois de dizer o nome dela tantas vezes, estaria a tentar mostrar algum tipo de respeito, chamando-a de “senhora” no momento final, porque, senhora é a palavra que se fala não nos finais, senão nos começos, quando ninguém se conhece* –, sua principal função aqui, apresentar-me suas aflições e eu os sintomas, condições crônicas e, na maior parte das vezes, dar conselhos, como se fossemos mestres da arte dos conselhos, quando não o somos e sabemos e todos deveriam saber. Não somos os conselheiros certos, para vocês, porque somos, em grande medida, como vocês. Em verdade temos sofrimentos na alma, exatamente como vocês. Talvez algo ou alguém tenha-nos dado o direito de emitir conselhos justamente porque temos nossas semelhanças factuais físicas e mentais. Você esteve sentada à minha frente para manifestar-me tuas angústias, mas sei, nenhum de nós é suficientemente – escute bem essa palavra, minha cara, suficientemente – capaz de manifestar angústias e receios com facilidades, nenhum professor psiquiatra dirá isso, mas nós sabemos que é a mais pura verdade – mais uma vez estava passando dos limites estabelecidos entre médico e paciente, e, para além, dos limites profissionais que seus colegas de

profissão ou não profissão desejam que sejam cumpridos –, a verdade é a de que não somos francos como deveríamos, às vezes aconselhamos de maneira errada e causamos impactos bons e até maus nos pacientes, algumas vezes aconselhamos tão mal que os suicídios tornam-se inevitáveis, porque o que temos de semelhantes, com vocês, reside no fato de que tentamos mantermos com vida e não o inverso – digo-lhe, vocês não estão sentados em nossas frentes para resolver ou aconselhar, embora qualquer Doutor possa ser sincero o suficiente para que de ali se tiram muitas conclusões, dessas que são uteis para a vida – o que nos torna únicos naquilo que fazemos é sermos efetivos, ou não, diante do tratamento. É isso que qualquer médico, mesmo aquele que trabalha num posto de saúde, deveria dizer, em matéria de enfermidades físicas ou mentais. Mas não dizemos. Primeiro, porque não temos agulhas de anestésias imediatas. Os ferimentos de nossos espectros são mais complexos, cabeludos, difíceis e intrincados, criamos associações de psiquiatria, criamos conselhos, criamos uma pirâmide de classes sociais dentro da própria profissão, criaram-nos sub-especialidades para nossos empregos e a cada dia criam mais, refiro-me a outros, esses que estão sempre a criar mais, tanto eles, quanto os médicos – porque as perturbações mentais acontecem em toda parte e em todo mundo, são comuns a todos os povos e, sendo assim, essas pirâmides sempre tenderão a crescer mais e mais, aos limites extremos. Eu escrevia-te, agora, se um policial ou um juiz me solicitasse, um laudo de sanidade mental. Você não seria apenas uma paciente, você seria uma pessoa normal, com problemas que afetam a todos – um breve silêncio se irrompe no ar –; ele diz-lhe: inclusive a mim mesmo. Veja-me, minha senhora, eu seria um anti-herói se estivéssemos num romance. Seria um anti-herói, diante das palavras que digo, em qualquer hipótese, romance ou não. Não ultrapasso apenas as barreiras profissionais, ultrapasso as barreiras de palavras, contigo. Poderia ser julgado e condenado, nesse momento. A imprensa me chamaria de K., igualzinho ao personagem de Kafka, aquela figura dramática do livro “O Processo”, a figura que vive numa burocracia infernal e será julgada por algo que sequer conhece. Você não tem um transtorno, minha cara. Na minha sincera concepção a palavra transtorno deveria ser substituída por você tem uma vida, uma vida para que pessoas como eu prescrevam medicamentos e

iniciem todos os tipos de conversas possíveis. Você tem razão, a mais pura verdade, você se expõe. Se isso fosse uma infinidade de fitas de cassete audiovisual, dessas retangulares que sequer usam-se mais, dessas que se adquiriam na vídeo-locadoras nos finais de semana, a gente poderia rebobinar quantas vezes quisesse. Porque a imagem e as palavras, tanto minhas, quanto tuas, nessas mais de cem sessões – cento e quarenta e uma, para ser preciso – seriam as mesmas. Poderíamos repetir o exercício. O resultado seria o mesmo.

– Ademais, senhora, não há nenhum tipo de vida sem conflitos, sejam individuais ou coletivos.

Ambos dizem, quase ao mesmo tempo, adeus. Poderiam proferir “até logo”, porém sabem que é determinante e fora peremptório, sacro, para sempre, um pacto cerrado, profano nas suas entrelinhas.

Ele entra em sua sala, saca um dicionário da prateleira, não um dicionário de termos médicos, um dicionário da própria língua falada e procura pela palavra fracasso. Passa quase obrigatoriamente por formiga e pensa, por instantes, que foi uma formiga a trabalhar com essa mulher para que, no final das contas, o formigueiro se visse plenamente destruído por um evento temporal fatal. Considerava-se freudiano. E agora, o que seria? Também passa pela palavra freudiano, antes da palavra fracasso, porque está a folhear as folhas, sem muito sentido na ordem em que o faz. Ali diz que freudiano – *fròi* – se refere ao pertencente ou relativo a Sigmund Freud, neuropsiquiatra austríaco (1856-1939), ou próprio dele. Que é partidário do freudianismo. Pergunta-se do que fora partidário a vida inteira, desde o momento que saiu da faculdade de medicina, desde o momento em que, em plantões de residência, recebera todo o tipo de urgências possíveis, desde bêbados chegando ensanguentados e imundos, todos estraçalhados, com fortes dores estomacais – em geral, cirroses irreversíveis –, pacientes vestindo panos sujos, recebia pessoas vítimas de acidentes de trânsito. Nesses desalinhos houvera um momento em que pegara a mão da menina vítima de acidente – e, ele, cuidara devidamente da mesma, que, mesmo após uma parada cardíaca, conseguira

aguentar aos efeitos da morte quando ela oferece passagem – uma menina vítima de um acidente de trânsito e dissera-lhe – à menina –, em tom calmo, que seus pais não resistiram aos ferimentos e, infelizmente, ele, não pode salvá-los, mas conseguira salvar a ela e ela estava, agora, segura – de qualquer modo, ele sabia que ela estava tornando-se órfã – e, ao ver as lágrimas nos olhos dela, decidiu, como um giro de cento e oitenta graus a dar na vida, a desistir do estágio em medicina de emergência para partir, imediatamente, para a psiquiatria. Precisava de menos sangue exposto e mais sangue escondido. Sabia do que precisava. Deu seu giro, foi difícil porque a psiquiatria não é dos caminhos mais fáceis no campo profissional, até o momento em que se tornara dona de uma clínica. Ele fez suas escolhas. Tornou-se Doutor, dono de uma clínica psiquiátrica famosa, a tratar dos doentes da alma, era aquele Doutor que lenta e progressivamente se tornara “famoso”, aquele que desistira de uma área de especialização e partira para outra. Alguns colegas contestaram de maneira veemente. Perdestes tempo, diziam-lhe. Se tiver uma única certeza em toda sua vida, era a de que havias transformado teu tempo perdido, em ganho. Suas tarefas na psiquiatria talvez fossem contribuir mais do que em hospitais de emergência médica. Foi para a Espanha, em busca de conhecimentos. Viajou para Buenos Aires, dita, pelos espanhóis e não espanhóis, como a meca da psiquiatria. Especializou-se, tornou-se mestre e, depois daquela paciente, virou Doutor de verdade e com letra maiúscula, quando redigira a tese final de doutoramento.

Antes de encontrar finalmente a palavra fracasso, encontra a palavra fratura. Pensa que deveriam ser sinônimas uma da outra. Ele lê, em voz alta: *Fracasso: [Do it. fracasso] S. m. 1 Estrondo de coisa que se parte ou cai: “camas de ferro, trastes diversos, veladores, que vinham espatifar-se no jardim, com um f r a c a so de esmagamento.” (Raul Pompéia, O Ateneu, p. 269). 2. Desastre, desgraça. 3. Ruína, perda. 4. Mal êxito; malogro.*

Retira os óculos de grau, baixa a cabeça sobre o dicionário, como se fosse dormir, o dicionário é agora seu travesseiro pessoal. Antes de partir para os braços de Morpheus, sua porta soa e são dois toques, apenas dois, nada mais. Diz: “entre”. Ela, sua secretária, pergunta-lhe se precisas de algo, que já

são quase oito horas da noite e, embora haja o horário de verão e ainda haja esse pôr do sol querendo partir de uma vez por todas, gostaria de retirar-se. Ele assente e diz-lhe: obrigada. Provavelmente ela ouviu pronunciar essas palavras dicionaristas, em voz alta, como se estivesse numa peça teatral, atuando. Ele garante a si mesmo que a secretária estava a se perguntar o que diabos a última paciente havia causado, transtornado ou se estavam envolvidos. Qual seria o problema do Doutor, afinal? Ele tinha quase a certeza de que ela se perguntava isso. Um último recado, Doutor: sua mulher ligou. Disse que chegaria mais tarde, em razão de uma janta com colegas. Você assente, em sinal de confirmação. Mais uma vez chegaria em sua casa, sozinho, colocaria a chave do carro sobre o tablado da cozinha e se sentaria no sofá, sentindo o mundo afundar suas costas, tomaria uma taça de vinho branco gelado, ligaria a televisão, com a taça em mãos e, provavelmente, assistiria *National Geographic* e esperaria que, naquele momento, houvesse qualquer programa sobre leões africanos. Gostava daquela ideia de presa, predadores e devorados. Eram assim as relações humanas. Não muito distintas daqueles que não são considerados “racionais”, mas que raciocinam – ou agem de modo instintivo – exatamente como seres humanos.

Não há programas sobre leões. O assunto de hoje são peixes de profundezas. Apaga a televisão e vai ao seu escritório. O copo de vinho na mão.

– Sabotar a misteriosa existência – começa a falar sozinho consigo mesmo. Os pacientes que se põem nervosos, angustiados, inquietos e inquietantes. Aqueles que perdem o equilíbrio. Não sou muito diferente de todos eles. Sou igual a eles. E aqui estou, Doutor, afundando na perda de meu próprio equilíbrio. As palavras do dicionário estavam certas. Sorte que as pronunciei alto, bem alto, para que não esqueça nunca mais delas.

FILHO

Na tarde de hoje decidi assistir a um filme antigo de Luis Buñel. Mãe, eu estaria sendo injusto se nada te escrevesse. Certa feita escrevi para papai algo

sobre como ele deveria sentir-se decepcionado se eu não começasse uma carta para ele como, “pai, eu te amo” e dessa vez eu acho que ele deve ter rido das minhas capacidades premonitórias. Mas vocês são – e sempre foram – diferentes. Não os posso culpar pelos silêncios ininterruptos, não os posso culpar por nada senão por ter sido quem fui, e o fui pelas minhas mãos, pelas minhas pernas e ações. Não quero culpar-lhes.

Você tem que saber o que anda acontecendo. Se Buñel sofreu ou não influências surrealistas ou de outra galáxia qualquer e Dalí o tenha entusiasmado, assim como Garcia Lorca, nesse exato e preciso segundo, esses detalhes não me interessam, interessa-me relatar-te algo. Na tarde de hoje assisti ao filme “El Ángel Exterminador” – no espanhol isso não te parece bem mais forte e perfeitamente encadeado? – as línguas pronunciadas em cada país e suas significâncias puras. Na tarde de hoje assisti “O Anjo Exterminador”, de Luis Buñel, filme mexicano de 1982 e tenho certeza de que uma punhalada de gente – incluindo você mesma – vai se perguntar porque diabos assisto um filme antigo tantas e tantas vezes e respondo a esses – incluindo você – que me perguntam, sim, eu respondo, por livre e espontânea vontade, que o passado, às vezes, consiste de mais verdades do que o futuro. Sempre gostei de Buñel e essa deve ter sido a quinta vez que assisto ao mesmo filme. Você entra no meu quarto, estou deitado na cama, há um cinzeiro com milhares de tocos de cigarro, livros espalhados por todos os cantos, a desordem generalizada, você entra, diz que entrou porque não houve nenhuma resposta depois de três batidas na porta, assim entra, no seu andar impetuoso e assiste a um pedaço do filme que não consigo tirar os olhos por um único segundo, são aquelas pessoas, os atores do filme, que ficam atônitos observando ursos e demais animais andarem por uma casa, a subir e descer escadas, você observa aquela cena, aqueles semblantes atônitos, depois, mãe, você observa a bagunça no meu quarto, diz que o jantar estará pronto em menos de uma hora e saí, fechando a porta no mesmo silêncio esmagador de quando ingressou no quarto. Nunca fiz a mínima ideia do que pensava a meu respeito. Eu nunca fiz a mínima ideia do que meu pai pensava a meu respeito. Estava vivendo um período próprio, o auge dos hormônios, das agonias do

coração, com o corpo e a voz mudando tragicamente, eu comecei a beber e usar algum tipo de droga, a beber, a fumar, a cabular aulas na universidade, eu comecei como um legítimo monstro de filho revoltado, estilo James Dean e vocês não me falavam nada, apenas coisas do tipo “cigarro mata” e “álcool vicia”. A grande ironia das palavras, quando vocês tinham minha idade, usaram tanto quanto eu. Vocês dois se comunicavam assim comigo e nada sabia sobre o que realmente pensavam a meu respeito. Fui meu próprio Anjo Exterminador, porque entre a bestialidade e insanidade das relações, de nossas famílias cínicas e hipócritas – os irmãos do pai, o dinheiro correndo da mão de um em um, as heranças mal divididas, as tentativas de assassinatos frasais, as roubalheiras, os sorrisos falsos, toda essa podridão familiar, pois bem, mãe, o filme do Buñel me mostra não apenas como era nossa família inteira, senão como era a boa parte da humanidade – e, por isso, sobretudo por isso, Buñel tornou um grupo de aristocráticos com impossibilidades fáticas de sair de uma sala para que convivessem por dias até que o estado de natureza, o estado de todos contra todos, gerasse uma apócrifa batalha naquela sala aristocrática em que todos viviam conjuntamente, em guerra, com seus próprios egoísmos. Você me via assistir Buñel e provavelmente pensava que eu estava a ficar louco; primeiro porque era um filme antigo demais e, segundo, porque, além da anarquia em meu quarto, eu via um filme com ursos andando numa sala “chique” e humanos maltrapilhos a observá-los em outro recinto. “Um menino que vê algo assim não pode ser normal.” Uma vez eu te escutei falando, por telefone, com tia Lúcia – essa mesma podre mulher que te matava na primeira oportunidade, mesmo sangue do teu sangue. Não sabia o que você considerava sobre mim mesmo, mas sabia que tu não me achavas normal. Pergunto-me se algum dia você foi capaz de reflexionar se você era normal. Para papai eu deveria regular. Para mamãe o garoto não normal. Agora, imagine você crescer sua vida pensando no quão patético é ou o quão patético teus pais te tornaram. Vingança? Não, sequer consigo cogitar, mas que era uma canalha realidade, era.

O que tu esperavas que te dissesse? Que te agradeça por me chamar de anormal àquela louca desvairada que te traia dia a dia, mais anormal do que

um filme de terror, e, te digo um filme de terror de verdade, daqueles assustadores? Você quer que eu me sinta pior do que me sinto? Ou quer que eu me sinta bem, um reconforto, um conselho de mãe para filho, o de que eu deva, para o meu bem, tornar-me um garoto melhor, deixar de assistir a esses filmes surrealistas, neorrealistas e principalmente conspiratórios, visitar amigos da tua mesma classe social, afinal, onde estavam escondidos meus amigos, vocês me colocaram num maldito colégio que não tinha ninguém interessado por arte ou literatura ou o que seja, haviam esportistas, não intelectuais, o colégio americano, eu cresci num lugar insatisfeito, insatisfeito com o mundo, insatisfeito com a escolha de vocês e, portanto, sem amigos e agora vocês se perguntavam sobre amigos ou namoradas, por que não o fizeram antes e o refletiram “muito bem” sobre isso? Porque não pensaram melhor antes de me colocarem nela escola que me sentia insatisfeito? Pais que sempre decidem a escola certa, aquela que se encaixa a personalidade do filho. O problema é que eles nunca apresentam as opções de outras escolas e nunca te perguntam, diretamente, pai, mãe e filho, esses três, num diálogo qualquer, o que você, filho, pensa se de fato sobre seus próprios dotes, anseios e vontades? Não, isso não se encaixa no perfil de pais. Eles acham que as escolhas de filhos, nessa época – não seriam em todas as épocas? –, são imaturas demais. Eu jamais em toda minha existência escolheria o colégio que você e o pai me matricularam. Trancafiado entre capelas, cruzeiros e sermões, sem aptidões físicas para ser um atleta, com uma biblioteca recheada de romances vendidos em livrarias baratas, um colégio que simplesmente não se encaixava em mim e qualquer moribundo era capaz de perceber isso e do que adiantou te dizer duas vezes, mãe, “o colégio não me agrada”, porque nessas duas vezes você respondeu “você irá se acostumar, questão de tempo”. O que tu esperas que eu te diga? Espera, não estou a te julgar. Isso não é um julgamento. A razão disso tudo é outra.

A razão disso tudo é de que decidi viajar com as economias que juntei nos últimos dois anos. Tranquei a faculdade. Economizei em vinhos que de fato apreciava, comecei a comprar os vinhos e cigarros mais baratos, mantive-me mais em casa, resisti às tentações, para chegar esse momento e dizer-te que

te amo – em qualquer linha que essas palavras estejam, elas serão sempre enunciadas pelo meu músculo cardíaco, não importando se estão digitadas ou escritas a punho, basta que o músculo cardíaco fale sobre amor e, pronto, não há necessidade da primeira linha ser essa – eu estou trancando a faculdade, desapareci da roda de poucos amigos, é simples, mãe, sou um ativista, preciso aventurar-me e é esse o momento. Há dois anos não escuto papai sequer emitir o som do meu nome. Faz exatamente dois anos. Sofro de êxito ou excesso de memória, acho. Dois anos, e, entre os dois em que não emite meu nome, há os silêncios que não mais suporto e que me matam pouco a pouco como se eu fosse o filho maldito, o filho que ele não desejava ter. Mas isso não tem a ver com vocês dois. Preciso de um tempo sozinho; já o venho construindo há alguns meses. Voltaria, um dia, provavelmente, em alguns meses. Quero ambos, na porta de casa, a me abraçarem, eu, com meu aspecto de aventureiro, uma jaqueta para suportar o frio, suja, meus calçados mais sujos do que a jaqueta, eu, louco por um banho, a abraçar-lhe e iremos reencontrarmo-nos. Prometo. A ti. A papai. Não sou Alexander Supertramp; não vou para o Alasca morrer de inanição. Vou viver alguns meses fora, essa é minha promessa. Preciso desse momento mais do que tudo na vida. Se você não quer ou pretende entender, primeiro o tente a força – entender, compreender ou qualquer outra ramificação do verbo – senão desista e viva sua vida, com seus terços e santos, rezando para que eu esteja vivo. Terá mais um caso para contar a teu psiquiatra. A do filho que decidiu por uma mochila nas costas e aventurar-se ao desconhecido.

Também não quero lágrimas, as que tu estás criando, nesse momento. Não entendo tua tristeza e não quero, de modo algum, que esse momento de divulgação de um sonho, se torne triste. Vamos, dê-me um abraço. Sentir seu calor e suas lágrimas no meu ombro, mãe, me dê um descanso, é minha vida, por que tu estás a chorar, afinal?

– Nós te enganamos.

Ora, mãe, se eu tivesse que começar a numerar o número de vezes que vocês se enganaram – desde o colégio americano até as críticas dos ursos de

Buñel – nós tínhamos uma lista sem fim de vezes que vocês se enganaram. Todos se enganam e tal inclui-me como algoz do mesmo crime. Não torne esse momento triste. Ele não o deve ser. Eu percebo, estás a secar as lágrimas, parece que tu te sentes melhor. Estranho, me sinto mais relaxado ou o que seja. Vamos, mãe, sente-se no sofá aqui do meu quarto, pegue a almofada, posso trazer-te um copo de água, você está embranquecida, pelo amor de deus, vou fazer apenas uma viagem e não matar-me, o que acontece contigo?

– Nós te enganamos – diz, friamente – mas sei que tua fibra resiste.

Mãe, você quer chegar ao assunto do fato de que vocês dois acreditam que eu seja homossexual e levam isso com normalidade e eu posso a qualquer momento tocar no assunto com qualquer um dos dois, seria plena aceitação de ambos, quando eu sou plenamente heterossexual e não vou te mostrar a quantidade de revistas de mulheres abaixo da minha cama, revistas essas misturadas a outros livros, clássicos e não clássicos. Primeiro porque não quero tua aprovação e segundo porque não quero ter que te provar que tu não tens que se preocupar com isso, não te mentiria, quanto a esse assunto, não te mentiria, nem se o quisesse.

Ela dá um sorriso forçado, as lágrimas já não mais escorrem. – És generoso. Sempre o foi. Eu te digo que te enganamos e você circunda por outras questões, que, sinceramente, nunca duvidaria, mas é estranho como uma mãe e um filho, depois de nove meses unidos num cordão umbilical, não conseguem ambos darem-se conta do assunto de verdade, o de que te enganamos e você não entende, de verdade, o que quero dizer com o que estou dizendo. Estamos desconectados desde o nascimento. Fico me perguntando o que seria capaz de nos unir, nessas alturas do campeonato.

– Você está me assustando mais do que Byron ou Hamlet nos seus delírios. Seja mais clara; o que você quer dizer com todas essas coisas?

– Que eu te traí; traí-te – mesmo com toda a questão dos nove meses e dos sangues conjugados – mais do que teu pai; teu pai não tinha ideia da traição porque aos poucos foi se tornando ausente das ideias e tu nunca

percebeu. Percebias os silêncios do teu pai como desafetos entre ambos. Nunca o compreendestes porque nunca deixamos claro o que teu pai tivera, de verdade. Nós te enganamos. Talvez fosse por isso que o consultório do psiquiatra sempre a mantivera com a ideia de uma guerra travada.

Ele acha que ela está cansada demais. Ele está cansado demais. É muito conversa para um momento que pretendia ser o mais curto possível. É uma conversa complexa demais e ele não sabe se está disposto a conhecer a verdade: não está. O tempo passou, eles tiveram tempo para falar-me o que seja e não será agora, no momento da minha liberdade final, que eles vão me aprisionar numa masmorra me dizendo coisas absurdas, como, por exemplo, você é um filho adotado – o que seria impossível, porque eu tinha os olhos de minha mãe e o cabelo espetado de meu pai, sempre com algum tipo de óleo ou gel, tínhamos os mesmos gostos de perfumes, era óbvio que eu não era filho adotado, mas imagino que eles tivessem uma notícia de tal repercussão na vida de uma pessoa – para que ela, minha mãe, me viesse tentar aprisionar num cárcere com coisas absurdas.

Viajei. Passei frio, fome, muito calor, algumas vezes os mosquitos também me incomodavam freneticamente, às vezes não achava albergues com habitações disponíveis, dormia em sofás de albergues esperando o próximo quarto vagar e usando a própria mochila como almofada e o casaco como cobertor, às vezes subia montanhas, comia com pessoas diferentes, comia frutas oferecidas por pessoas que sequer compreendiam uma linha do que eu podia falar, pesquei – sim, pesquei, sempre desejei pescar, mas meu pai estava sempre de terno e eu era incapaz de ter coragem de convidá-lo a uma aventura, eu viajei e caminhei tanto pela areia de pés descalços que creio que alguns pontos criaram-se calos, entrei no mar tantas vezes até minha pele ficar num tom moreno, depois o inverno chegou, escalei e fiz algumas trilhas, conheci pessoas e religiões, me aproximei do Budismo, passei meses rezando para não ser assaltado e ter sempre meu passaporte e meu cartão de crédito junto com alguns trocados, junto do meu corpo, eu fiz amor – amor, porque a senti no seu mais profundo âmago das minhas vontades sexuais e sabia que ela tinha decifrado minha alma e cada penetração se tornava um novo estágio

de amadurecimento em minha vida de homem. Deixei a barba crescer. Queria sentir o gosto do pai perguntando, ao fim da viagem, se eu me tornava um comunista. Queria ter esse gosto embora não tivesse me tornado um comunista. O gosto de ver os olhos dele a se remexerem, a inquietação pura e mística que ele teria, quando eu dissesse, sim, pai, me tornei um comunista. Queria divertir-me quando voltasse. E os queria vê-los divertidos. Queria te ver se remexendo na cadeira, sem saber se toma um copo de água, se dá a próxima garfada ou não, queria estar tomando no bico de uma lata de cerveja e dar-te um tapa nas costas, dizendo, não, pai, isso é uma brincadeira, quanto a isso não te preocupes, não irei decepcionar-te quanto a mais esse aspecto e tu ris brevemente embora eu saiba que tu tens as tuas desconfianças mesma com as minhas palavras. Desconfias de que eu seja um comunista e sempre desconfiou. Pais e suas desconfianças. – Mãe, eu não quero saber o que tu tens a me dizer, se me enganou ou não, quero que tu saibas que estou feliz e quero permanecer assim por mais egoísta que possa ser, mas não quero saber por qual razão você está a dizer que vocês me enganaram. Foi isso que disse e o falei em alto e bom som. Ele ouviu, baixou a cabeça, e saiu do quarto, sem dizer uma única palavra. Ela saiu da anarquia para voltar para a anarquia das relações humanas. De algum modo eu amava viver dentro de meu quarto. Ali tinha tudo o que desejava, mas precisava conhecer os lugares que os livros faziam-me imaginar. Queria liberdade.

Esse momento, entre pai, filho e mãe, nunca existiu. Desejei que tivesse existido. Queria ver-te assistindo a essa cena, essa cena de amor filial, e tu não assististes. Eu não a presenciei. O pai, tampouco. Quando cheguei de volta àquilo que se chamava uma “casa de família”, chegara tarde demais.

Chego triunfante, da mesma maneira que imaginei, com os calçados imundos, com a jaqueta suja, logo atiro a mochila e o casaco no chão, visto uma camisa de manga comprida branca, estou estampando um sorriso de felicidade supremo, quero contar-te sobre a Índia e a fé do indianismo, quero contar-te do Japão e de quanto os japoneses são educados e solícitos e a língua impossível de aprender em pouco tempo, quero te contar que fiz amor de verdade com uma tailandesa, quero ser franco e dizer-te, “mãe, cheguei ao

orgasmo”, o mesmo que um dia tu e o pai tiveram antes de eu nascer ou ser um projeto de nascer, quero contar-te tudo, porque, de fato, essa viagem espiritual de meses tornou-me mais maduro, mais forte, sinto-me um touro, podia agarrar minha mãe e a dançar no meio do hall de entrada da casa, poderíamos dançar jazz, eu tento cantar e, no meio dessa minha febril agitação ela olha-me seriamente como se quisesse me dizer algo e me diz: “teu pai faleceu há alguns meses já. Tentamos te informar. Mas não sabíamos onde estava, porque os cartões portais vinham de diversos países e com frequências próximas umas das outras; assim, não sabíamos onde tu estavas.”

– Há quanto tempo foi isso?

– Há mais de cinco meses. Você passou um ano e meio fora, apenas mandando-nos postais e dizendo que estavas bem. Não sabias se era franco. Vivo ou morto. Sempre temíamos que algo que te acontecesse. Mas te demos liberdade, como tu a pediu. Oferecemos a liberdade da incomunicabilidade, de não sabermos onde tu estavas ou quem estava ou o que tu fazias, bebias ou fumavas, não queríamos saber de nada porque pactuamos contigo, e pela tua felicidade. Nosso erro, ou não, cabe a ti decidir.

– Não, não erraram.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que papai não poderia rir, no jantar, de que eu poderia ou não ser um comunista por usar barba. De que não poderíamos mais tirar uma simples foto comprovando aquele momento familiar. Tinha vontade de chorar. Comecei. A segunda coisa que pensei foi a causa da morte. Coração? Câncer? Atropelamento ou acidente de carro? Morte desagradável a ponto de cremar ou algo do gênero?

–Teu pai sofria de uma doença neurodegenerativa há muitos anos. Conseguia trabalhar – não me pergunte como – lembrando-se de caso a caso e todos os detalhes de seus casos no escritório de advocacia, mas seus dotes se limitavam a isso porque havia outra parte de seu cérebro que não invocava os neurônios. O médico dizia que isso era normal, em certos casos; pessoas conseguiam levar suas vidas pessoais ou profissionais plenamente,

dependendo do paciente. Tudo dependia de cada caso. Teu pai podia aposentar-se no exato instante do diagnóstico por invalidez e não o fez. Continuou, até o último dos seus dias, sabendo de nomes de clientes e não de sua mulher ou seu filho. Ou como nós éramos. Ele se sentia triste e deprimido com essa situação – nos últimos tempos tomava um dos antidepressivos mais caros do mercado. Às vezes – muitas, para dizer a verdade – acordava suado, completamente suado, transpirando, no meio da noite, a dizer “onde estou”, “quem é você”, até eu abraçar-lhe e dizer, “está tudo bem”, volte a dormir, e, pouco a pouco, sentia que o tremor e o medo no corpo dele dissipavam-se. No momento em que acordava, era outro – o outro que não era (im)memoriado.

No passado, teriam dito que teu pai havia vendido, seguindo o vulgo popular, a alma ao diabo, Mefistófeles, em troca de certa imortalidade vampiresca, a de manter-se jovem para sempre. Teu pai envelhecia pouco, mas a doença avançava progressivamente. Não sei se tu percebeste algum dia que teu pai pouco, ou nada, envelhecia – imagino que é essa metade do funcionamento de neurônios; que a plena consciência nos torne mais velhos diariamente; nos seus últimos dias, envelhecera muito, perdendo, até mesmo, fios de cabelo, como se estivesse a definhar cada parte de seu corpo; deitava-se no meu colo, queria que eu lesse livros, gostava que eu lhe lesse Cortázar, gostava que eu colocasse Mahler e, devo admitir, esses foram os momentos, em nossas vidas, em que nos tornamos mais próximos. É uma lástima, mas em geral é assim. É quando já estamos no leito de morte que nos aproximamos mais e mais daqueles que amamos, quando, em verdade, deveríamos tê-lo feito em vida. Seu pai jamais venderia a alma ao diabo, a não ser que fosse para salvar o filho de uma encrenca.

Lembro-me de vê-los, na obscuridade, na escadaria da escada, vocês pareciam idênticos e iguais, e você, meu filho, estava bêbado de uma maneira constrangedora e teu pai a te encarar como se quisesse te dizer tudo e te disse, apenas com olhos, porque era apenas assim que conseguia comunicar-se contigo ou comigo – não me pergunte por que, nem o próprio médico sabia, teu pai nunca fora assim, dessa forma, antes do diagnóstico. No dia seguinte

fingíamos os três, na maior mentira subterrânea que nada tinha acontecido. Se ele não te dizia nada, por que eu haveria de dizer?

MÉDICO OBSERVADOR, FILHO E MÃE

É óbvio que aquilo o surpreende. Passados dez anos, lá está ela, seu caso perdido, o fracasso, posta à sua frente, acompanhada de um homem de terno escuro, o sapato brilha como nos tempos das brilhantinas, usa um terno impecável, faz frio lá fora, ele carrega um casaco de lã, preto, comprido, de inverno, e o médico oferece-lhe para colocá-lo no armário, olha a janela, ela também olha, e, quase inacreditavelmente, o filho também olha, as capacidades premonitórias, desse filho. Diz que a imagem de “fora”, daquela sala, daria uma excelente fotografia. O rapaz fala isso com uma voz grossa, tem a barba impecável, usa um perfume impecável, pergunta-se se a antiga paciente trouxera o amante a seu próprio consultório para provar-lhe algo?

– Aqui, Doutor, meu filho, o fio do novelo que você perdeu há anos atrás.

O médico não se admira. Poderia imaginar, se assim o desejasse, aquela mesma cena, antes do acontecimento. Não se surpreende e diz ao rapaz sentado à sua frente que é uma honra conhecê-lo. Honra? Recém nos conhecemos cara a cara e o Doutor já fala em honra? Sabe que deve ser polido; muda de assunto. Diz ao médico que esse possuía o mesmo sobrenome daquele amigo-inimigo de Luis Buñel, em vida, que fora morto aos tiros, de costas.

– Sei de quem você está falando. Mas ele fez muita propaganda política numa época em que a Espanha estava estraçalhando qualquer um que apoiasse causas operárias e trabalhistas.

– Morreu digno, ao menos. Lutando por aquilo que acreditava.

O Doutor tem a breve impressão de que o rapaz, em verdade, desejava estar deitado no divã, elucidando sua vida. O Doutor tem a breve impressão de que os traços físicos daquele homem eram muito próximos dos seus. Ao mesmo tempo em que não entende – ou finge não entender – porque aquela mulher, depois de tantos anos, trouxera o filho a seu consultório, o ambiente das quatro paredes – em verdade o sabia, ela estava querendo mostrar como o fracasso na vida profissional de um médico torna-se um fato inesquecível tanto ao médico quanto à paciente. O fracasso estava à sua frente e era belo, forte, musculoso, mantinha um semblante de seriedade, ao mesmo em que seus olhos miravam ao divã, como se quisesse deitar-se ali e tão somente ali a revelar as obscuridades do mundo ao médico, a aquele psiquiatra, queria entender e entender-se a si mesmo.

– Não veja isso como ressentimento, Doutor. O pai, já morreu. Os dois saíram de casa. Uma vez – não sei se você se recorda – tu me perguntaste como eu me imaginaria em casa, sem eles. E eu já estava sem nenhum dos dois. Ausências. Incomunicabilidades. (Im)memorização. Foi isso que sempre fomos. Eu já lhe dissera, Doutor, a culpa não era sua.

Ele assente com a cabeça. Não sabe o que dizer e acha melhor não dizer. Mãe e filho levantam da cadeira e elegantemente apertam as mãos daquele envelhecido médico que beirava aos cinquenta e poucos anos e parecia ter mais, muito mais. Algo se passara na vida dele e o envelhecera nitidamente. Parecia acabado, para dizer a verdade.

Eu os observo, os dois, impecavelmente vestidos, ela de saia e blusa branca, ele de terno escuro, provavelmente um terno italiano, o corte tem algo de perfeito, os dois a caminhar, escuto aos passos, passo por passo, e são passos quádruplos – dois dele e dois dela – observo-os detidamente e, pela primeira vez, não sinto que houvera um fracasso, afinal de contas. Estavam juntos, enfim. Outra vez a falar sozinho. Preciso consultar com o novo velho psiquiatra, a respeito. Ali estava caminhando a figura – a imagem ou espelho – mais próxima daquele que fora semelhante ao pai, senão pela diferença da capacidade de memorização de cada um. Ali soavam os ecos do novelo que

perdera. Ele observa a mãe e a si mesmo caminhando, não escuta seus próprios passos, uma imagem perdida de si mesmo.

– Doutor, me esqueci de lhe dizer que por essas andanças em livrarias – sempre me encantam, há o olor a livro novo, algumas vezes pode sentar-te e tomar um café – encontrei uma obra de um doutor bastante famoso, um livro que tive de comprar, porque conhecia o Doutor, um livro que se tornara livro a partir de uma tese de doutoramento. Quando o li, senti-me de algum modo honrada. Afinal, aquelas mais de cem sessões mereceriam um trabalho escrito do teu próprio punho, ainda que tu tenhas erroneamente denominado de teus fracassos. Quando li cada uma daquelas linhas fui capaz de perceber, de forma imediata, que tuas palavras, aquelas tuas palavras, o que por fim tu tinhas me dito, eram sinceras. Nunca supus que um Doutor fosse assim, de verdade. Fico feliz que existam pessoas, de carne e osso, como o senhor, Doutor. Fico feliz que existam. Se nunca lhe disse obrigada, o faço agora.

Os passos já não mais se ouvem. Não resta interrogação; inobstante tal, tudo o que havia de ser dito, fora dito. Se fosse um jogo de xadrez, e se o xadrez não tiver fim, um enxadrista famoso dissera, certa feita, que nunca haveríamos de decifrar esse jogo plenamente, lances infinitos, possibilidades infinitas e estamos reagindo diante de novos impulsos, todos, diariamente. E se o jogo de xadrez não tivesse fim, você ou qualquer outro, se perguntaria a respeito da ocorrência da inexistência de um fim. Quando aquele duelo surdo faz a mente travar por si, quando os silêncios te desafiam mais do que palavras. Os passos já não mais se escutam. Ou nos tornamos adeptos aos silêncios ou escravos de dilemas difíceis demais para serem decifrados.

Ana Carolina Guimarães Seffrin é graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria. É Mestre em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, Rio Grande do Sul. É integrante do Grupo de Estudos sobre Transições Políticas, coordenado pelo Prof. Dr. Jose Carlos Moreira Filho, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É pesquisadora na área de Direitos Humanos e Direito Internacional Público. No atual e presente momento tem vinte e cinco anos. É também poeta, praxista da prosa, leitora de literatura, leitora voraz de literatura, é uma apreciadora da sétima arte, aquela que se chama cinematográfica, é fotógrafa e viajante itinerante. Já morou em Buenos Aires e é uma eterna apaixonada pela capital porteña. Aspira muitas coisas na vida, como descer cascatas e mergulhar até o seu fundo, gosta da sensação de estar sobre uma prancha de surfe, e, como disse Fernando Pessoa usando-se do nome de Álvaro de Campos, sabe que, “à parte isso, tem em si todos os sonhos do mundo”. Ou carrega consigo todos os sonhos do mesmo. Dá ou resulta no mesmo.